

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Vanessa Graciele de Oliveira

**CONDUTAS AGRESSIVAS DE BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR:
uma pesquisa comparativa realizada em duas escolas no município de Vale do Sol - RS**

Santa Cruz do Sul
2016

Vanessa Graciele de Oliveira

**CONDUTAS AGRESSIVAS DE BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR:
uma pesquisa comparativa realizada em duas escolas no município de Vale do Sol - RS**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Educação Física da Universidade de Santa Cruz do Sul para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadores: Prof^ª. Dra. Miria Suzana Burgos
Prof^ª Sandra Mara Mayer

Santa Cruz do Sul
2016

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A COMISSÃO ORGANIZADORA, ABAIXO ASSINADA, APROVA MONOGRAFIA.

**CONDUTAS AGRESSIVAS DE BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR:
uma pesquisa comparativa realizada em duas escolas no município de Vale do Sol - RS**

ELABORADO POR
VANESSA GRACIELE DE OLIVEIRA

COM REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DE GRAU DE LICENCIADO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a. Dra. Miria Suzana Burgos

Prof^a. Ms Sandra Mara Mayer

Prof^a. Ms Cézane Priscila Reuter

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	05
<u>CAPÍTULO I</u>	
PROJETO DE PESQUISA.....	06
1. JUSTIFICATIVA, DEFINIÇÃO DO PROLEMA E OBJETIVOS.....	07
2. BULLYING: ORIGEM E DEFINIÇÃO.....	09
3. MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO.....	14
4. REFERÊNCIA.....	16
<u>CAPÍTULO II</u>	
ARTIGO: CONDUTAS AGRESSIVAS DE BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: uma pesquisa comparativa realizada em duas escolas no município de Vale do Sol – RS.	18
ANEXO A – Instrumentos de coleta de dados.....	27
ANEXO B – Normas da revista.....	30

APRESENTAÇÃO

A presente monografia de graduação apresenta ao curso de Educação Física da Universidade de Santa Cruz do Sul, divide-se em dois capítulos. O capítulo I apresenta o projeto de pesquisa, incluindo a justificativa do projeto, o objetivo principal, referencial teórico baseando-se em autores, o método utilizado para realização da pesquisa, além de dados dos sujeitos investigados, técnicas e descrição dos instrumentos para a coleta dos dados. No capítulo II, consta o artigo com os principais dados, de acordo com as normas da revista para publicação, incluindo, introdução, referencial teórico, método de investigação, resultados e discussão, conclusão e referencias. Constam também os anexos, que trazem os instrumentos de coleta de dados e as normas da revista para publicação.

CAPÍTULO I
PROJETO DE PESQUISA

1 JUSTIFICATIVA, DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E OBJETIVOS

Nos dias atuais, a violência é um assunto muito discutido, de extrema relevância e muito difícil de ser combatida. As rodas de conversa com amigos, a mídia, os assuntos de família e muitos outros meios de comunicação debatem ás barbáries da violência, sendo a escola um dos principais e excelentes lugares para refletir e discutir esse assunto, pois envolvem os pais, alunos, professores, direção e sociedade em geral. Neste proposito, cabe à todas as escolas debater assuntos relacionados à violência, um assunto que tanto aflige a sociedade, discutindo suas formas de prevenção e as possíveis mudanças no comportamento e desenvolvimento das crianças e dos jovens. É um espaço onde é possível escutar, debater e trabalhar as experiências de violência sofridas pelos estudantes, em especial os ataques de *bullying* que ocorrem dentro do ambiente escolar e também fora dele (MARRIEL et al., 2006).

O *bullying* é uma palavra de origem inglesa e tem como significado a violência física ou verbal, de forma repetitiva, de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo. O *bullying* nos dias atuais é um assunto muito discutido mundialmente que desperta crescente interesse nas diferentes conhecimentos e campos sociais (FANTE; PEDRA, 2008). Os ataques realizados também são divididos em três categorias: física, oral e psicológica. As agressões físicas são classificadas como brigas com tapas, socos, chutes e pontapés; a oral são palavrões, apelidos maldosos, intrigas e ofensas; psicológica é a exclusão social e afastamento dos amigos e colegas (SAMPAIO et al., 2015).

Nos dias atuais o *bullying* é um assunto e um problema mundial que ocorre em qualquer escola, de todas as classes sociais, e traz como implicação sentimentos de receio, temor, redução do rendimento, abandono escolar, e até mesmo pensamentos e atos suicidas das vítimas. Os agressores podem ter desempenhos antissociais que possivelmente refletirão em outros lugares (BRITO; OLIVEIRA, 2013).

Mendes (2010) destaca que no Brasil este tipo de violência vem crescendo de forma significativa, muitos dos casos já se iniciam nas séries iniciais e ocorrem até idade adulta. Nas escolas brasileiras o *bullying* é um sério problema, muito difícil de ser combatido, e as consequências destes ataques acabam prejudicando muito os alunos que sofrem ou sofreram estes tipos de violência. Na verdade, este assunto vem preocupando muito a sociedade educativa, pois causa um clima de insegurança que se instala à maior possibilidade de fracasso escolar, aos empenhos físicos e emocionais ou desgosto e descontentamento com a vida.

Em consequência dos sérios problemas causados pelo Bullying no Brasil foi instituída a seguinte lei:

“No decreto 13.185, de 6 de novembro de 2015. Art. 1º fica instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) em todo o território nacional. 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (bullying) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. 2º O Programa instituído no caput poderá fundamentar as ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como de outros órgãos, aos quais a matéria diz respeito (BRASIL, 2015)”

Apesar de o *bullying* ser um problema muito sério, muitas das vítimas não relatam as agressões sofridas para os adultos por diversos motivos e algumas delas é o medo da reação dos agressores, pelo fato dos adultos não acreditarem e até mesmo acharem que este tipo de agressão é normal pela circunstância que se deparam. Algumas das vítimas pelo fato de não denunciarem podem acabar sendo agredida por muitos anos e com isso sofrer diversos problemas psicológicos e afetivos (SAMPAIO et al., 2015).

Sendo assim, o presente estudo buscou enunciar o seguinte **problema**: descobrir em duas escolas do Município de Vale do Sol – RS, se há diferença no comportamento agressivo entre os alunos do 6º ao 9º ano de uma escola estadual e de uma escola Municipal.

O presente estudo tem como **objetivo geral** verificar se há diferença entre o comportamento relacionado ao *bullying*, dos alunos de uma escola estadual e outra municipal no Município de Vale do Sol- RS.

Os **objetivos específicos** estabelecidos foram:

- Identificar se já houve agressão entre os alunos;
- Identificar os tipos de agressões que ocorrem;
- Identificar o perfil do agressor;
- Analisar as atitudes dos alunos quando agredem os colegas;

2 BULLYING: ORIGEM E DEFINIÇÃO

O interesse pelo *bullying* iniciou no final dos anos 70 na Suécia e Noruega, tendo como guia o Professor Dan Olweus, que sem dúvida foi um dos mais atuantes e importantes na descoberta e evolução do assunto. Tudo iniciou no ano de 1983, quando três adolescentes noruegueses se suicidaram e havia uma possibilidade desses fatos terem sido ocorridos pelo fato dos jovens serem vítimas de *bullying*. Foi a partir destes fatos que o Ministério da Educação da época requereu a Olweus a realização de uma pesquisa de maior proporção e um projeto sobre o tema “*antibullying*”. Em consequência desta pesquisa que foi realizada na Universidade de Berger surgiu o “Programa Olweus de prevenção ao *Bullying*” e diversos países já aplicaram o programa como prevenção da criminalidade (ROLIM, 2008).

Segundo Tattum e Herbert (1999), o *bullying* é uma expressão de ascendência inglesa que tem por definição de intimidação ou uma chantagem. É definida como anseio consciente e intencional de ferir alguém e deixá-la sob tensão. Fante e Pedra (2008) define *bully* como uma pessoa valente, violenta, cruel. Como verbo, *bully* significa afrontar, torturar, humilhar, e o substantivo *bullying* descreve atos de violência física ou psicológica, proposital e com repetições, realizados por um indivíduo ou mais, com o objetivo de ameaçar ou agredir outro indivíduo ou grupo, impossibilitado de defesa.

2.1 Ações que definem o *bullying*

Segundo Martins (2005), o *bullying* é identificado em três tipos: diretos e físicos; diretos e verbais; indiretas. Diretos e Físicos: agressões físicas, furtar ou danificar objetos de colegas, chantagem com dinheiro, sujeitar comportamentos sexuais, impor a realização de tarefas. Diretos e verbais: provocar, apelidar, zoar, fazer comentários racistas ou que diferem um do outro. Indiretos: que de alguma forma fazem a exclusão de alguém de um grupo, fazer boatos e fofocas que causam intrigas, ameaçar excluir do grupo se o ameaçado não fizer algo que lhe beneficie, de uma forma ampla é manipular a vida social de alguém.

Para Sampaio et al. (2015), *bullying* tem como característica principal a repetitividade das ofensas e agressões. Este tipo de violência engloba três tipos de papéis entre os envolvidos, que são os agressores, as vítimas e as testemunhas. Os ataques realizados também são divididos em três categorias: física, oral e psicológica. As agressões físicas são classificadas como brigas com tapas, socos, chutes e pontapés; a oral são palavrões, apelidos

maldosos, intrigas e ofensas; psicológica é a exclusão social e afastamento dos amigos e colegas.

Almeida, Lisboa e Caurcel (2007) explicam que este tipo de maus tratos se diferencia de outras formas de agressão por serem repetitivas e contínuas, com a finalidade de lesar, danificar ou prejudicar alguém. Isso geralmente acontece com pessoas mais fracas que possuem mais dificuldade de se defender. Fante e Pedra (2008) ressaltam que o que diferencia o *bullying* dos outros tipos de violência é que ele pode causar traumas irreversíveis ao psicológico das vítimas, podendo afetar a saúde física e mental, ao contrário das outras formas de violência, ocasionais e atinentes.

2.2 Consequências do *bullying* dentro da escola e fora dela

As consequências relacionadas ao *bullying* podem ser em longo prazo e atingir ambas as partes, tanto agressor quanto o agredido. Os agressores podem ter problemas no futuro em ter boas relações pelo fato de ter comportamentos de risco e conseqüentemente possui uma tendência maior de consumo de álcool, cigarro e drogas. No caso das vítimas as consequências são mais variadas, podendo causar uma série de problemas como isolamento, depressão, aflição, amargura, tristeza, afastamento dos assuntos e obrigações escolares e em casos mais graves até mesmo ideação do próprio suicídio. Outras questões que também são muito relevantes na questão das vítimas é o abandono da escola com mais facilidade e o rendimento dos mesmos tende a diminuir. As doenças psicológicas e físicas são apresentadas em vítimas com maior frequência (MATOS; GONÇALVES, 2009).

Estudos apontam que o alto índice de estresse é uma das principais consequências do *bullying*, ele é responsável por 80% das doenças atuais, pela baixa resistência imunológica e sintomas de doenças somáticas multicausais, em especial no horário escolar (em especial em criança menores), como tonturas, enjoos, mal-estar, dores no estômago e musculares, febre, tensão, insônia, perda do apetite, entre outras. Doenças de causas psicossomáticas também podem surgir, como gastrite, úlcera, colite, bulimia, anorexia, rinite, alergias entre outras (FANTE; PEDRA, 2008).

Para Lemos (2007), em consequência do *bullying*, o sujeito pode desenvolver ideias suicidas, sentir solidão, ódio, desprezo, diminuição da autoestima, medos, problemas psicológicos e até interesse no mundo do crime e trauma da escola. Para Aramis Neto (2005), indivíduos que sofrem *bullying* na idade escolar possuem maior probabilidade de sofrerem de depressão e baixa na autoestima na idade adulta. E no lado oposto o agressor corre um risco

maior de manifestar problemas relacionados com convívio social, com dificuldade de relacionamento com outras pessoas, vulnerabilidade no trabalho e até relacionamentos afetivos de pouca durabilidade.

Rolin (2010) também ressalta que as práticas de *bullying* costumam ser invisível para as escolas, o autor destaca também que os ataques dentro da escola muitas vezes são avaliados como rotineiras para os adultos e segundo eles devem ser resolvidas entre os envolvidos.

2.3 Perfis dos autores e das vítimas na escola

Segundo Moura, Cruz e Quevedo (2011), repetidamente as vítimas de *bullying* possuem certa desconfiança e medo que as impede de buscar algum tipo de ajuda. Possuem poucas amizades, são menos ativos e não reagem aos ataques de agressão. Várias vítimas regredem no desempenho escolar, não gostam de ir à escola e algumas vezes disfarçam estar doentes para ficar em casa. Trocam de escola com mais frequência, e algumas vezes abandonam os estudos. Pode-se notar com clareza que as vítimas também possui presença de desordens mentais.

As vitimas de *bullying* também podem ser definidas como passivas ou provocativas. Os passivos são os mais quietos, que não revidam, são isolados e acanhados. Os provocativos são mais explosivos e respondem as afrontas, possuem caráter forte. Tanto os passivos quanto o provocativos tem característica físicas menores que os agressores (BATSCHKE; KNOFF, 1994; OLWEUS, 1987 apud ZAINÉ; REIS; PADOVANI, 2010). Os autores de *bullying* são impulsivos, tem forte atração pelo domínio do outro, e possui pouca afinidade em relação ao alvo, tem poder de liderança, baixa tolerância à frustração, são desafiadores e proporcionalmente populares. As testemunhas possuem o papel de ouvintes para os autores, sendo uma base de reforço aos agressores, possuem certa dificuldade e medo de interceder em favor dos alvos, pelo receio de virar alvo também e, além disso, podem se sentir ameaçados a participar dos atos do agressor (HEINRICHS, 2003 apud ZAINÉ; REIS; PADOVANI, 2010).

Silva (2010) classifica as vítimas em três categorias: vítima típica, vítima provocadora e vítima agressora. As vítimas típicas são as mais tradicionais, as quietas que possuem pouca socialização, quase sempre são mais frágeis e possuem uma marca como excesso de peso ou magra de mais. As vítimas provocadoras são aquelas que insultam e provocam os colegas, mas não conseguem revidar a altura e geralmente brigam ou discutem quando são atacados. Geralmente são hiperativos ou imaturos e acabam criando confusões e depois perdem o controle da situação e acabam sendo vítimas dos agressores. As vítimas agressoras são

aquelas que são alvos de agressão de alguém e como forma de compensação procura outra pessoa para ser sua vítima, geralmente este tipo de agressor procura encontrar alguém mais frágil para realizar os mesmos atos de agressividade que lhe foram feitos.

2.4 Como o tema *bullying* esta sendo trabalhado dentro da escola

No dia 06 de novembro de 2015 entrou em vigor a lei nº 13.185 que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo o Brasil, a lei prevê a realização de expedições educacionais, além de orientação e auxílio psicológico, igualitário e jurídica às vítimas e aos agressores (BRASIL, 2015).

O tema *bullying* sempre ocorreu dentro das escolas, mas foi há um pouco mais de 30 anos atrás que se iniciou estudos com critérios mais avançados e científicos. O fenômeno começou a ganhar mais ênfase no Brasil através de um projeto de pesquisa realizado e do programa *antibullying* educar para a paz, que teve início em São Paulo no ano de 2000. A partir deste momento o tema vem ganhando força, espaço e causando debate público, porém a maior parte das escolas ainda não está pronta para enfrentar o problema, e alguns dos motivos do tema não ser debatido dentro da escola muitas vezes é por desconhecimento do assunto e dos fatos, comodidade e negação aos acontecimentos. A autora cita que a prevenção deve ter início com o estudo do assunto e fatos, sendo necessário reconhecer que o fenômeno acontece dentro da escola e ele traz consigo uma série de prejuízos (FANTE; PEDRA, 2008).

Para Silva (2010), as escolas mais observadoras estão atentas às mudanças, buscando se adequar aos processos de inovação para dar conta dos novos desafios. Além de conteúdos, gramáticas e métodos, também é necessário transformar a mentalidade do ensino formal. O aprendizado do conteúdo a pouco tempo atrás era o único objetivo na avaliação escolar, porém nos dias atuais é preciso trabalhar as relações pessoais e interpessoais para o desenvolvimento e crescimento dos jovens. Esse trabalho requer profundas modificações dos jovens, tanto na escola como na família.

Segundo Martins (2005), programas criados por Olweus (1993) e Pereira (2008) afirmam que programas de prevenção ao *bullying* devem envolver toda a sociedade educativa (estudantes, docentes, funcionários, pais, responsáveis e comunidade em geral) e não apenas os indivíduos envolvidos na prática.

2.5 Papel dos pais e professores na questão do *bullying*

Nos dias atuais pode se perceber muitas transformações, principalmente no cotidiano das pessoas, onde a cada dia se possui menos tempo para coisas básicas e necessárias como relação interpessoais. O dia-a-dia corrido e comprometido tem atrapalhado o convívio entre os familiares, e vem ocasionando o afastamento entre eles. A autora destaca que o convívio, o diálogo constante, a vivência saudável e as conversas contando e comentando sobre o seu dia a dia é imprescindível para que a família se mantenha unida e bem estruturada, principalmente na relação com os filhos. É importante que em casa os filhos encontrem uma base, no qual possam confiar, falar dos seus limites, medos e conquistas. É elementar que antes de criticar os filhos os pais possam escuta-lo, sem rancor, com disposição, oferecendo ajuda na resolução de alguns problemas, elogiando como forma de alçar a autoestima, para que se sintam determinados e confiantes. Sendo assim, a possibilidade do indivíduo que sofre de *bullying* denunciar as agressões é muito maior (FANTE; PEDRA, 2008).

O papel de um professor não está apenas no transferir o conhecimento para os alunos, mas também de conhecer o mundo que os cerca e perceber possíveis mudanças no comportamento. É através do conhecimento que muitas vezes um professor consegue detectar algum possível problema ou dificuldade de seus alunos como por exemplo, dificuldade de ouvir, falar, escutar e até mesmo algum tipo de violência que prejudica o seu aprendizado, desenvolvimento e convívio social. Quando professor e aluno possuem um vínculo de afinidade e confiança, o aluno tem no professor uma segurança a ponto de confiar seus problemas familiares e escolares, solicitando ajuda para encarar o problema (FREIRE, 1996).

É imprescindível reconhecer que a violência é questão complicadíssima, sendo a escola um lugar primordial e fundamental para trabalhar este assunto, buscando ações e programas que interajam junto com a família dos alunos, incluindo-os na resolução do problema. É de extrema importância a escola constituir uma equipe que possa trabalhar com a questão da violência, buscando com que estes profissionais tenham mais capacitações e saibam trabalhar de forma segura e responsável. Os professores devem escutar e dar atenção aos alunos, quando os mesmos trouxerem assuntos e reclamações ligados à violência, o papel dos professores é fazer um registro do ocorrido, citando os nomes dos envolvidos. A partir desde momento deve se ter uma atenção especial nestes envolvidos e tentar descobrir com que frequência estes fatos acontecem (BARROS; CARVALHO; PEREIRA, 2009).

3 MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

3.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Foram sujeitos da pesquisa 230 crianças e adolescentes alunos do 6º ao 9º ano, sendo 118 alunos de uma escola estadual e 112 alunos de uma escola municipal, com idade entre 11 e 17 anos, todos residentes no município de Vale do Sol – RS.

3.2 Abordagem metodológica

A pesquisa foi de forma descritiva-exploratória, pois tem como objetivo a descrição das características de uma comunidade escolar, buscando as características de um determinado grupo em relação a sexo, faixa etária, renda familiar nível de escolaridade (GIL, 2008). A pesquisa descritiva objetiva expor características de um indivíduo ou grupo por detalhes, coloca relações entre as variáveis e esclarece sua natureza (VERGARA,1998).

Segundo Malhotra (2001), pesquisa exploratória é utilizada em situações nas quais é preciso definir um problema com precisão, a fim de identificar cursos relevantes de ação ou obter alguns dados adicionais. Procura explorar um problema ou situação à fim de prover critérios e compreensão.

3.3 Procedimentos metodológicos

O presente estudo está dividido conforme as seguintes etapas:

- 1ª etapa: contato com os sujeitos do estudo;
- 2ª etapa: explicação e aplicação do questionário;
- 3ª etapa: organização, análise e discussão dos dados de coletos;
- 4ª etapa: elaboração do artigo.

3.4 Técnicas e instrumentos de coleta de dados

O presente estudo é uma pesquisa individual através do questionário de Olweus (1993), adaptado por Mayer (2000) (ANEXO A), para detectar o perfil de frequência do *bullying* além de identificar o padrão comportamental dos mesmos, como também analisar as atitudes dos alunos quando agredem os colegas e o envolvimento dos pais e professores. O questionário foi aplicado pela pesquisadora, na sala de aula, onde serão lidas e explicadas as questões.

4. Análise estatística

Foi realizada uma pesquisa individual através de um questionário (OLWEUS, 1993), adaptado por Mayer (2000), o qual conta no anexo A, de forma descritiva, através da interpretação dos números e percentuais dos sujeitos. As análises foram realizadas utilizando o programa estatístico SPSS v.20 (IBM, Armonk, NY, USA).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A.; LISBOA, C. ; CAURCEL, M. J. ¿Por qué Ocurren los Malos Tratos entre Iguales? Explicaciones Causales de Adolescentes Portugueses y Brasileños. *Revista Interamericana de Psicología*, v.41, n. 2, p. 107-118, 2007.
- ARAMIS NETO. A.L. Bullying - comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria* - v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.
- BARROS, P.C.; CARVALHO, J.E.; PEREIRA, M. B. F. L. O. *Um estudo sobre o bullying no contexto escolar*. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. PA. 2009.
- BRASIL. Lei nº 13.185, de 06 de novembro de 2015. *Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm. Acessada em: 17 de março de 2016.
- BRITO, C.C.; OLIVEIRA, M.T. Bullying and self-esteem in adolescents from public schools. *Jornal da Pediatria*, v.89, p.601-607, 2013.
- FANTE, C. PEDRA, J. A. *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LEMOS, Ana Carolina Mendonça. Uma visão psicopedagógica do bullying escolar. *Revista Psicopedagogia*, v.24, n.73, p. 68-75, 2007.
- MALHOTRA, Naresh. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- MARRIEL, L. C. et al. Violência escolar e autoestima de adolescentes. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 127, p.35-50, 2006.
- MARTINS, Maria Jose. O problema da violência escolar: Uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 18, n. 1, p. 93-115, 2005.
- MATOS, M. G. ; GONÇALVES, S.M. P. Bullying nas escolas: comportamento e percepções. *Revista Psicologia, Saúde e Doença*, v.10, n.1, p. 3-15, 2009.
- MAYER, Sandra Mara. *Comportamento Agressivo em Escolares de 1º a 8º série do Ensino Fundamental de Santa Cruz do Sul: uma abordagem através da Teoria dos Sistemas Ecológicos*, 2000. 114f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional - Área Sócio Cultural) Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul. 2000
- MENDES, Carla Silva. Violência na escola: conhecer para intervir. *Revista Referência*, s. 2, n. 12, p. 71-82, 2010.

MOURA, D. R.; CRUZ, A. C. N.; QUEVEDO L. A. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. *Jornal da Pediatria*, v. 87, n.1, p. 19-23, 2011.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. *Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração*. Catalão: UFG, 2011.

OLWEUS, Dan. *Bullying at school*. Oxford: Blackwell, 1993.

PEREIRA, Beatriz. *Para uma escola sem violência*. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), 2008.

ROLIM, Marcos. *Bullying: o pesadelo da escola*. Porto Alegre: Dom Quixote, 2010.

ROLIM, Marcos. *Bullying: O pesadelo da escola um estudo de caso e notas sobre o que fazer*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2008

SAMPAIO, J. M. C. et al. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. *Texto & Contexto Enfermagem*, Santa Catarina, v. 24, n. 2, p. 344 – 352, 2015.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TATTUM, D; HERBERT, G. *Bullying: Home, School and Community*. London: David Fulton Publisher, 1999.

VERGANA, Sylvia Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

ZAINE, I. REIS, M.J.D. PADOVANI, R.C. Comportamentos de bullying e conflito com a lei. *Estudos de Psicologia*, v. 27, n. 3, p. 375-382, 2010.

CAPÍTULO II
ARTIGO

**CONDUTAS AGRESSIVAS DE BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR:
uma pesquisa comparativa realizada em duas escolas no município de Vale do Sol - RS**

Vanessa Graciele de Oliveira¹

Miria Suzana Burgos²

Sandra Mara Mayer³

¹Acadêmica do Curso de Educação Física da Universidade de Santa Cruz do Sul, RS (UNISC).

E-mail: nessa-graciele@hotmail.com

²Docente do Departamento de Educação Física e Saúde e do Programa de Pós-graduação - Mestrado em Promoção da Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul, RS (UNISC). E-mail: mburgos@unisc.br

³Docente do Departamento de Educação Física e Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul, RS (UNISC). E-mail: smmayer@unisc.br

Resumo

Nos dias atuais, assuntos relacionados à violência estão cada vez mais em evidência, sendo o ambiente escolar o lugar ideal para se debater este assunto. Neste sentido, o presente estudo objetiva verificar se há diferença entre o comportamento relacionado ao *bullying* entre alunos de uma escola estadual e outra municipal no Município de Vale do Sol-RS. Os sujeitos desta pesquisa foram 230 estudantes de ambos os sexos, sendo 118 alunos da escola estadual e 112 alunos da municipal. Para a coleta das informações, foi empregado um questionário com 21 questões. A análise estatística dos resultados foi realizada no programa SPSS 20.0. Nos resultados, foi identificado um índice considerado alto de alunos que já sofreram algum tipo de agressão nas escolas. Em relação à conduta dos alunos das duas escolas, o mesmo é muito semelhante em quase todas as questões, sendo que a escola municipal obteve resultados um pouco mais frequentes em relação às agressões sofridas. As agressões verbais são as mais citadas pelos estudantes das duas escolas, e os agressores mais citados são alunos mais velhos, seguidos da opção dos colegas de sala. Conclui-se que a relação de conduta dos alunos de ambas as escolas é muito semelhante em quase todas as questões, porém a escola municipal obteve resultados um pouco mais frequentes em relação às agressões sofridas.

Unitermos: Bullying. Escola. Agressividade. Vítimas.

Abstract

Nowadays, issues related to violence are increasingly in evidence, and the school environment the ideal place to discuss this. In this sense, the present study aims to determine whether there is a difference between behavior related to bullying among students of a state school and other city in the City of Sun-RS Valley. The subjects were 230 students of both genders, 118 students of the state school and 112 students in the city. To collect the information, we used a questionnaire with 21 questions. The statistical analysis was performed using SPSS 20.0 program. In the results, a rate considered high students who have suffered some type of aggression in schools has been identified. Regarding the conduct of the pupils of the two schools, it is very similar in almost every issue, and the public school obtained results a little more frequent in relation to these abuses. Verbal attacks are the most frequently mentioned by students of the two schools, and the most frequently mentioned perpetrators are older students, followed by the option of classmates. It was concluded that the relationship of conduct for students from both schools is very similar in almost every issue, but the public school got a little more frequently results in relation to these abuses.

Key words: Bullying . School. Aggressiveness. Victims.

Introdução

Além de fases e etapas na vida dos jovens, a infância e a adolescência são ciclos importantes na evolução e no progresso de cada um, gerando nesta fase muitas mudanças de comportamento nos jovens, levando-o ao crescimento e maturação dentro da normalidade humana. A participação em classes sociais, à necessidade de conhecer seus valores, a participação nos grupos de amigos e o apoio familiar servem como o alicerce de uma casa, sendo à base de uma vida social participativa e com autoestima elevada, levando assim os jovens a serem cidadãos ativos e participativos dentro da sociedade. Porém durante esta etapa da juventude poderá haver obstáculos que poderão influenciar a evolução para uma vida adulta saudável, em especial aos assuntos ligados a autoestima e a saúde mental, que são peças fundamentais para encarar os obstáculos da vida. A violência é considerada um destes obstáculos e possui grande influência entre os jovens, sendo considerado um problema crescente e preocupante para a saúde pública no mundo todo, gerando implicações individuais e sociais (Mendes, 2010).

É evidente que está incluso dentro do contexto escolar, manifestações e condutas que envolvem diferentes tipos de violência (Barros, Carvalho & Pereira, 2009). A violência escolar tem vindo a crescer muito nos últimos anos e é considerado um problema muito sério e complexo, este fenómeno pode ocorrer por diversos motivos e este assunto vem preocupando muito a sociedade educativa, pois causa um clima de insegurança que se instala à maior possibilidade de fracasso escolar, aos empenhos físicos e emocionais ou mesmo a sentimentos de desgosto com a vida (Mendes, 2010). Dentre estes diversos tipos de violência o mais comum dentro do ambiente escolar é o fenómeno chamado *Bullying*, palavra de origem inglesa, abrange todas as atitudes agressiva, propositais e repetitivas que ocorre sem motivos claros (Fante, 2005). A divisão dos tipos de violência cometidos é dividida em três grupos distintos, as agressões físicas (brigas com tapas, socos, chutes e empurrões), verbais (apelidos maldosos, intrigas e ofensas) e psicológicas (eliminação social, afastamento dos colegas) (Sampaio, 2015).

Este tipo de maus tratos se diferencia de outras formas de agressão por ser repetitivas e contínuas, com a finalidade de lesar, danificar ou prejudicar alguém. Isso geralmente acontece com pessoas mais fracas que possuem mais dificuldade de se defender (Almeida, Lisboa & Caurcel, 2007). Em consequência do *bullying*, o sujeito pode desenvolver ideias suicidas, sentir solidão, ódio, desprezo, diminuição da autoestima, medos, problemas psicológicos e até interesse no mundo do crime e trauma da escola (Lemos, 2007).

É imprescindível reconhecer que a violência é questão complicadíssima, sendo a escola um lugar primordial e fundamental para trabalhar este assunto, buscando ações e programas que interajam junto com a família dos alunos, incluindo-os na resolução do problema. É de extrema importância a escola constituir uma equipe que possa trabalhar com a questão da violência, buscando com que estes profissionais tenham mais capacitações e saibam trabalhar de forma segura e responsável. Os professores devem escutar e dar atenção aos alunos, quando os mesmos trouxerem assuntos e reclamações ligados à violência, o papel dos professores é fazer um registro do ocorrido, citando os nomes dos envolvidos. A partir desde momento deve se ter uma atenção especial nestes envolvidos e tentar descobrir com que frequência estes fatos acontecem (Barros, Carvalho & Pereira, 2009).

Método

O presente estudo, de carácter descritivo exploratório, foi realizado com 230 escolares, sendo 94 do sexo feminino e 136 do sexo masculino, com idade entre 11 a 17 anos, do 6º ao 9º ano de uma escola estadual e uma escola municipal, ambas do município de Vale do Sol-

RS. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se o questionário de Olweus (1993), adaptado por Mayer (2000).

As coletas de dados ocorreram com a permissão da equipe diretiva e dos alunos de ambas as escolas, onde todos foram informados da importância do trabalho e sobre a não divulgação da identidade dos envolvidos. Os dados foram analisados através do programa estatístico SPSS 20.0, (IBM, Armonk, NY, USA), sendo apresentados em frequência e percentual.

Resultados e discussão

Na tabela 1, estão descritas as características gerais dos sujeitos das respectivas escolas, sendo 118 (51,30%) pertencentes à escola estadual e 112 (48,69%) à escola municipal. No total, 136 (59,13%) são do sexo masculino e 94 (40,86%) do feminino.

Tabela 1: Características gerais dos sujeitos em estudo

Ano	Escola	Escola	Total
	Estadual	Municipal	
	n (%)	n (%)	n (%)
6º ano	40(33,9)	28(25,0)	68 (29,56)
7º ano	27(22,9)	36(32,1)	63 (27,39)
8º ano	28(23,7)	27(24,1)	55 (23,91)
9º ano	23(19,5)	21(18,8)	44 (19,13)
Sexo			
Feminino	46(20,0)	48(20,86)	94 (40,86)
Masculino	72(31,30)	64(27,82)	136 (59,13)
Total de alunos	118(51,30)	112(48,69)	230 (100)

Analisando a tabela 2, nota-se que não há diferença significativa no comportamento relacionado ao *bullying* entre os dois tipos de escolas, sendo possível observar que na escola municipal a agressão é um pouco mais frequente (34,8%). Entre as formas de agressão sofridas pelos estudantes se obteve um resultado muito similar, sendo a agressão verbal a mais citada em ambas as escolas (21,2% na escola estadual e 22,3% na municipal). Um estudo realizado com escolares em Bursa na Turquia relatou que os estudantes do sexo masculino tem a probabilidade de praticarem atos de violência física, verbal e emocional cerca 8,4 vezes com mais frequência comparado com o sexo feminino (Türkmen et al., 2013). Quando questionados sobre a série e idade dos agressores, a opção das duas escolas também foi muito parecida, sendo que os alunos agressores são mais velhos, em 12,7% na estadual e 14,3% na municipal, seguido da opção dos que são da mesma turma, com 9,3% e 8,0%, respectivamente.

Tabela 2: Formas e perfil das agressões

	Escola	Escola	P
	Estadual	Municipal	
	n (%)	n (%)	
Já foi agredido alguma vez na escola			
Sim	31 (26,3)	39 (34,8)	0,103
Não	87 (73,7)	73 (65,2)	
Formas de agressão			
Ninguém me agrediu	79 (66,9)	72 (64,3)	0,920
Bateram, deram socos, pontapés ou chutes	5 (4,2)	4 (3,6)	
Roubaram coisas	4 (3,4)	5 (4,5)	
Causaram medo	0 (0,0)	1 (0,9)	
Agressão verbal	25 (21,2)	25 (22,3)	
Falaram de mim	2 (1,7)	3 (2,7)	
Não falaram comigo	2 (1,7)	2 (1,8)	
Outros	1 (0,8)	0 (0,0)	
Série dos alunos agressores			
Ninguém me agrediu	87 (73,7)	74 (66,1)	0,146
Do mesma série, mas de outra turma	5 (4,2)	8 (7,1)	
São mais novos	0 (0,0)	5 (4,5)	
São da minha turma	11 (9,3)	9 (8,0)	
São mais velhos	15 (12,7)	16 (14,3)	

Conforme os dados da tabela 3, observou-se que em ambas os tipos de escolas a resposta mais expressiva foi que diversas vezes os professores impediram algum tipo de ato agressivo entre os estudantes, com percentual de 24,6% na escola estadual e 27,7% na municipal. Em relação à atitude quando estão agredindo um colega, os alunos da escola estadual responderam com mais ênfase que tentam ajudar de alguma maneira (36,4%), e os alunos da escola municipal afirmaram que não reagem às atitudes (38,4%), mas acham que deveriam tomar alguma atitude em relação ao comportamento agressivo dos colegas. Um estudo que abordou a problemática do *bullying* na escola profissional de comércio externo na cidade de Porto, afirmou que numa situação de comportamento agressivo os alunos responderam que tentam ajudar de alguma forma (Silva, 2012).

Tabela 3: Atitudes que impedem as agressões

	Escola	Escola	p
	Estadual	Municipal	
	n (%)	n (%)	
Vezes que o professor impediu a agressão			
Não sei	72 (61,0)	63 (56,2)	0,232
Uma	9 (7,6)	15 (13,4)	
Duas	8 (6,8)	3 (2,7)	
Muitas vezes	29 (24,6)	31 (27,7)	
Sua atitude quando agredem um colega			
Nada, não é comigo.	33 (28,0)	38 (33,9)	0,340
Nada, mas acho que deveria ajudar.	42 (35,6)	43 (38,4)	
Tento ajudar como posso	43 (36,4)	31 (27,7)	

De acordo com os dados da tabela 4, podemos observar que, com relação à agressividade dos alunos, um número expressivo deles já praticou diversas vezes algum tipo de agressão, onde houve uma pequena diferença significativa entre os dois tipos de escolas, sendo em favor da escola estadual (25,4%) e 26,78% da escola municipal. Quando questionados sobre a questão, ajudas a agredir alguém que não gostas a diferença entre as escolas também foi muito parecida, onde os alunos dos dois educandários afirmaram com mais êxito que agrediriam alguém em caso de muita irritação, sendo 23,7% na estadual e 25,0% na municipal. Uma pesquisa realizada no Distrito Sedibeng do Gaute, na África do Sul, afirma que a cultura de agressão entre os estudantes é um grande desafio para todos os envolvidos no ambiente escolar (Chris, Marie & Lovia, 2015). Malta et al. (2009) concluíram através de um estudo realizado em escolas públicas e privadas das 26 capitais dos estados brasileiros e do Distrito Federal, que o assunto é de extrema importância no contexto atual das escolas, afirmando que é necessário tomar medidas concretas, através da identificação das ocorrências e, a partir deste momento, procurar métodos de precaução e redução dessas práticas agressivas.

Tabela 4: Perfil dos agressores

	Escola Estadual	Escola Municipal	p
	n (%)	n (%)	
Quantas vezes você agrediu alguém			
Nunca	65 (55,08)	70 (62,5)	0,014
Às vezes	19 (16,10)	10 (8,92)	
Várias vezes	30 (25,42)	30 (26,78)	
1 ou 2 vezes	4 (3,38)	2 (1,78)	
Ajuda a agredi quem não gostas			
Não	84 (71,2)	72 (64,3)	0,412
Só se ele me irrita muito	28 (23,7)	28 (25,0)	
Não sei	4 (3,4)	7 (6,2)	
Sim	2 (1,7)	5 (4,5)	

Conclusão

Por meio deste estudo, foi identificado um índice considerado alto de alunos que já sofreram algum tipo de agressão nas escolas. Em relação à conduta dos alunos, as duas escolas mostraram-se muito semelhante em quase todas as questões, sendo que a escola municipal obteve resultados um pouco mais frequentes em relação às agressões sofridas. As agressões verbais são as mais citadas pelos estudantes das duas escolas, e os agressores mais citados são alunos mais velhos, seguidos da opção dos colegas de sala.

Através dos resultados obtidos, recomenda-se que os assuntos ligados diretamente e indiretamente ao *bullying* sejam trabalhados e discutidos com mais ênfase dentro das escolas,

para que os alunos estejam conscientes do verdadeiro significado do assunto. Também, é sugerida uma maior atenção e intervenção dos professores, equipe diretiva e dos pais, para que estes casos ocorridos dentro da escola diminuam.

REFERÊNCIAS

Almeida, A., Lisboa, C. & Caurcel, M. J. (2007) ¿Por qué Ocurren los Malos Tratos entre Iguales? Explicaciones Causales de Adolescentes Portugueses y Brasileños. *Interamerican Journal of Psychology*, v.41, n. 2, p. 107-118.

Barros, P. C., Carvalho, J. E. & Pereira, M. B. F. L. (2009). Um estudo sobre o bullying no contexto escolar. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE - PA.

Chris M., Marie P & Lovia N. (2015). Patterns of a culture of aggression amongst Grade 10 learners in a secondary school in the Sedibeng District, South Africa. *Original Research*, v. 38, n. 1, p. 1-8.

Fante, C. (2005). Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus.

Lemos, A.C. M. (2007). Uma visão psicopedagógica do bullying escolar. *Revista Psicopedagogia*, v.24, n.73, p. 68-75.

Malta, D. C. Silva, M.A.I., Mello F.C.M.M., Monteiro, R.A., Sardinha, L.M. V., Crespo, C et al. (2009). Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). *Ciência & Saúde Coletiva*, v.15, n.2, p.3065 – 3076.

Mayer, S. M. (2000). Comportamento Agressivo em Escolares de 1º a 8º série do Ensino Fundamental de Santa Cruz do Sul: uma abordagem através da Teoria dos Sistemas Ecológicos, 2000. 114f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional - Área Sócio Cultural) Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul.

Mendes, Carla S. (2010). Violência na escola: conhecer para intervir. *Revista Referência*, s. 2, n. 12, p. 71-82.

Olweus, Dan. (1993). *Bullying at school*. Oxford. Blackwell.

Sampaio, J. M. C. et al. (2015). Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. *Texto & Contexto Enfermagem*, Santa Catarina, v. 24, n. 2, p. 344 – 352.

Silva, C. M. B. (2012). *Bullying: Vitimação e Agressão- Estudo de caso numa Escola Profissional*. Universidade Fernando Pessoa- Porto.

Türkmen D.N., Dokgöz M.H., Akgöz S.S., Eren B.N., Vural H.P & Polat H.O.(2013) Bullying among High School Students. *MAEDICA – a Journal of Clinical Medicine*, v. 8 n. 2, p. 143-152.

ANEXOS

ANEXO A

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SAÚDE

BLOCO I

Assinale com um X.

1. Em que série estás?

6º
7º
8º
9º

2. És um menino ou uma menina?

M
F

3. Que idade tens? _____ anos.

BLOCO II

4. Você já foi agredido alguma vez na escola?

Sim
Não

5. Quantas vezes aconteceu de ficares só, porque os outros meninos ou meninas não quiseram brincar contigo?

- (A) Nunca fiquei só
- (B) Uma ou duas vezes neste trimestre
- (C) Uma vez esta semana
- (D) Duas ou mais vezes esta semana

BLOCO III

6. Como te agrediram?

Assinale com um X de acordo com o que já te aconteceu.

- (A) Ninguém se meteu comigo
- (B) Me bateram, me deram socos e pontapés ou chutes
- (C) Me roubaram coisas
- (D) Me causaram medo
- (E) Me disseram nomes feios. Disseram coisas de mim ou do meu corpo
- (F) Falaram de mim, contaram segredos meus.
- (G) Não falaram comigo
- (H) Me fizeram outras coisas. Que coisas foram estas? _____

7. Quando é que te agrediram (lugar)?

- (A) Ninguém me agrediu
- (B) No recreio
- (C) Na cozinha/bar
- (D) Nos corredores e nas escadas
- (E) Nas salas de aula
- (F) Em outro lugar. Qual? _____

8. De que séries são os alunos que te agrediram?

- (A) Ninguém me agrediu
- (B) Da minha série, mas de outra turma.
- (C) São mais novos
- (D) São da minha turma
- (E) São mais velhos

9. Quem te agrediu?
- (A) Ninguém me agrediu
 - (B) Uma menina
 - (C) Muitas meninas
 - (D) Um menino
 - (E) Muitos meninos
 - (F) Meninos e meninas
10. Quantas vezes te agrediram, na última semana de aula?
- (A) Nenhuma
 - (B) Uma
 - (C) Duas
 - (D) Muitas vezes
11. Quantos colegas da tua sala te agrediram?
- (A) Nenhum
 - (B) Um colega
 - (C) Dois ou três colegas
 - (D) Quatro ou mais colegas
12. Quantas vezes os professores tentaram impedir os meninos ou as meninas de agredirem os outros?
- (A) Não sei
 - (B) Uma
 - (C) Duas
 - (D) Muitas vezes
13. Disseste aos teus pais que te agrediram na escola?
- (A) Ninguém me agrediu
 - (B) Não contei
 - (C) contei
14. Há colegas que te defendem quando os outros tentam te agredir?
- (A) Ninguém me agrediu
 - (B) Ninguém me defendeu
 - (C) Um ou dois colegas me defenderam
 - (D) Três ou mais colegas me defenderam
15. O que fazes quando vê que estão agredindo algum colega da tua idade?
- (A) Nada, não é comigo
 - (B) Nada, mas acho que deveria ajudar
 - (C) Tento ajudar como posso. Como? _____

BLOCO IV

16. Quantas vezes você agrediu (bater, empurrar, puxar, dizer nomes, causar nomes) alguém? Ninguém saberá o que disseste.
-
-

17. Quantas vezes, na última semana, te reuniste com colega para agredir alguém?
- (A) Nunca
 - (B) Uma vez
 - (C) Duas vezes
 - (D) Cinco ou mais vezes

18. Quantos colegas da tua sala agrediram outros colegas? Conta contigo se és um dos que agrediu.
- (A) Nenhum
 - (B) Um colega
 - (C) Dois ou três colegas

(D) Quatro ou mais colegas

19. Te juntas com outros para agredir um aluno de quem não gostas?

(A) Não

(B) Só se ele me irrita muito

(C) Não sei

(D) Sim

20. O professor falou contigo por teres agredido alguém?

(A) Não agredi ninguém

(B) Sim, falou

(C) Não falou

(D) Professor não soube

21. Em tua casa falaram por teres agredido alguém?

(A) Não agredi ninguém.

(B) Uma vez esta semana.

(C) Não falaram.

(D) Sim, falaram.

MAYER, Sandra Mara. *Comportamento Agressivo em Escolares de 1º a 8º série do Ensino Fundamental de Santa Cruz do Sul: uma abordagem através da Teoria dos Sistemas Ecológicos*, 2000. 114f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional - Área Sócio Cultural) Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2000.

OLWEUS, Dan. *Bullying at school*. Oxford e Cambridge: Blackwell, 1993.

ANEXO B

NORMAS DA REVISTA EFDEPORTES

Notas

As notas devem desenvolver o tema em profundidade com um estilo claro e legível. O conteúdo deve estar de maneira original e mais inédito possível. Se for uma apresentação em um evento, indicar local, instituição e respectiva data. Os artigos são enviados sob um pseudônimo especialistas ou profissionais envolvidos revista da sua supervisão acadêmica.

O texto do artigo deve ser produzido em formato digital o mais neutro possível (.doc ou .rtf): Arial ou Times New Roman, espaço 1,5, sem espaçamento. Deve ser enviado para o nosso endereço de e-mail efdeportes@gmail.com anexado a uma mensagem. Deve ser corrigido sem erros de ortografia, gramática, estilo ou edição. Os Padrões de APA referências devem ser usados.

Ele pode ser escrito em qualquer língua, de preferência Espanhol, Português, Inglês, Francês ou catalão. Recomenda-se não exceder 3.900 palavras ou 10 páginas no total.

O texto deve ser acompanhado com: nome do autor e / ou autores, filiação (graus acadêmicos e instituições), palavras-chave e resumo do artigo. O título, palavras-chave e resumo em outro idioma (Inglês, Português ou outros) devem ser incluídos. Você também deve incluir telefone, endereço e e-mail para contato. Deve esclarecer-se, se você tem uma página pessoal na WWW.

Pode ser acompanhado de: fotografia do autor ou autores e ilustrações, imagens, gráficos, desenhos, idealmente em papel ou em formato digital (.jpg ou .gif) em cores ou preto e branco; também formado mp3 som, animação por computador em WMV, AVI ou outro formato compatível com o formato HTML.

Colaborações também são aceitas nos formatos acima que têm ligações com o conteúdo da revista (Ex. Ilustrações). O documento original enviado para a digitalização não são devolvidos.

Não será publicado: textos com conteúdo que promova qualquer tipo de discriminação social, racial, sexual ou religiosa; ou artigos já publicados em outros lugares na World Wide Web. Você deve ser submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, se for o caso.

Uma vez que o texto seja aceito para publicação e, em seguida, publicado, republicado ou copiado para outro site, ou outro formato digital ou papel não é permitido.

Revisões

As opiniões devem ser expressas em linguagem simples e, no caso de um ponto crítico, especificar o artigo e o autor de referência. Você não deve usar termos depreciativos.

Software e Publicações

Enviar um livro ou programa, não uma demo. Inclua um comentário, instruções e outros detalhes. Além de todos os dados para entrar em contato com o autor e / ou distribuidor.

O desenvolvimento dos padrões das referências

As normas da APA requer a elaboração de uma lista final de referências.

A lista de referências no final de uma obra deve fornecer as informações necessárias para identificar e recuperar as fontes utilizadas especificamente no preparação e justificação dos mesmos.

É imperativo que cada uma das citações que foram inseridas no texto é de referência correspondente na lista final e, inversamente, qualquer entrada na lista de referências deve ser citada no texto.

Uma vez que uma das finalidades da lista de referência é para permitir que o leitor recuperar e usar as fontes citadas, os dados de referência devem ser corretos e completos. Cada entrada geralmente contém os seguintes elementos: autor, ano de dados de publicação (localização e editoriais) publicação e título.

As seções a seguir são explicados em detalhes com alguns exemplos, características de estilo e pontuação prescrita para escrever referências literatura dos principais tipos de documentos.

Orientações Gerais

- Os dados para escrever a citação tirada do documento original para o qual relacionam, e são atraídos, principalmente, da capa.
- Nomes pessoais devem ser abreviados, usando apenas as iniciais.
- Para obras anônimas, o primeiro elemento do evento será o título.

- Se o autor é uma entidade do mesmo nome pode ser indicada como aparece na fonte.
- Para escrever o título, os critérios para capitalização são respeitados na língua em que é dada a informação.
- Legendas podem ser incluídas após o título, separadas por dois pontos e espaço (:)
- Se nenhuma data aparece no documento podemos dar uma data aproximada. (precedida pela abreviatura de cerca de: ca). Exemplo: ca. 1957

Citando uma monografia

Monografias, seguindo as orientações da APA são citadas de acordo com a seguinte esquema geral:

Nome (s), iniciais do nome. (Ano de publicação). Título do livro em itálico. Lugar Publicação: Editora.

Opcionalmente, podemos colocar a menção de edição, que vai entre parênteses após o título; e, se houver volume que vão em itálico.

Um único autor

Exemplos:

Pennac, D. (1998). *Como um romance*. Barcelona: Anagrama.

Aldecoa, J. (1992). *História de um professor*. (7ª ed.) Barcelona: Anagrama.

Vários autores

Se mais há mais de um autor deve indicar todos separados por vírgulas, exceto o último é precedida pela palavra "y" (e em Inglês).

Exemplos:

Bramwell, D., y Bramwell, Z. I. (1990). *Flores silvestres de las islas Canarias*. (3ª ed.) Madrid: Rueda.

Sears, F. W., Zemansky, M. W., y Young, H. D. (1988). *Física universitária*. Argentina: Addison-Wesley Iberoamericana.

García Marí, F., Costa Comelles, J., y Ferragut Pérez, F. (1994). *Las plagas agrícolas*. (2ª ed.) Valencia: Phytoma España.

Diferentes referências ao autor

Quando se trata de compiladores, editores, coordenadores ou diretores devem especificar após o nome entre parênteses.

Exemplos:

Haynes, L. (comp.) (1989). *Investigación/acción en el aula*. Valencia: Generalitat Valenciana.

Fernández Berrocal, P., y Melero Zabala, M. A. (coords.) (1995). *La interacción social en contextos educativos*. Madrid: Siglo XXI.

Citando um capítulo de um livro

Os capítulos de livros são citados de acordo com o seguinte esquema geral:

Nome (s), iniciais do nome dado. (Ano). Título do capítulo. A. A. Nome (s) Editor de A, BB Nome (s) editor B, e C. Nome (s) editor C (Eds. Ou Comps. etc.), Título do livro (pp. xxx-xxx). Local de publicação: Editora.

Exemplos:

Um autor

Boekaerts, M. (2009). La evaluación de las competencias de autorregulación del estudiante. En C. Monereo (coord.), *PISA como excusa: repensar la evaluación para cambiar la enseñanza* (pp. 55-69). Barcelona: Graó.

Vários autores

Alvarez, I., e Gomez, I. (2009). PISA, uma avaliação de projeto internacional verdadeira escuridão e luz. Em C. Monereo, *Pisa como uma desculpa* (coord.): *Repensar avaliação para mudar o ensino* (pp. 91-110). Barcelona: Grão.

Contribuições para Conferências, Simpósios ... são citados da mesma forma:

Exemplos:

Fraga González, C. (1982). Carpintería mudéjar en los archipiélagos de Madeira y Canarias. En *Actas del II Simposio Internacional de Mudejarismo: arte*. (pp. 303-313). Teruel: Instituto de Estudios Turolenses.

Aguilera Klink, F. (2003). Vigencia y necesidad de la nueva economía del agua. En P. Arrojo Agudo y L. del Moral Ituarte (coords.), *La directiva marco del agua: realidades y futuros: III Congreso Ibérico sobre Gestión y Planificación de Aguas* (pp. 175-184). Zaragoza: Universidad de Zaragoza.

Como citar um artigo de jornal ou revista

Um artigo de jornal, seguindo as regras da APA, citado em conformidade com o seguinte esquema geral:

Nome (s), iniciais do nome dado. (Ano de publicação). Título artigo. Título da revista em itálico, número do volume (número de emissão colchetes), última página primeira página do artigo.

Um único autor

Exemplos:

Torre Champsour, L. de la (2006). Documentos sobre la música en la catedral de Las Palmas. *El Museo Canario*, 61, 353-454.

Kelchtermans, G. (1996). Teacher vulnerability: Understanding its moral and political roots. *Cambridge Journal of Education*, 26 (3), 307-323.

Dois a seis autores

Os nomes de todos eles, separados por vírgulas que indicam, a última precedida a conjunção "y" (& em Inglês).

Exemplos:

Kernis, M. H., Cornell, D. P., Sun, C. R., Berry, A., & Harlow, T. (1993). There's more to self-esteem than whether it is high or low: The importance of stability of self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65, 1190-1204.

Llopis, E., Roselló, E., y Villaroya, J. (2009). "Fills de Kassim" un musical para educaren la convivència cultural. *Eufonia: Didáctica de la música*, 47, 104-116.

Mais de seis autores

O nome do primeiro seis será indicado, seguido por et al.

Exemplo:

Wolchik, S. A., West, S. G., Sandler, I. N., Tein, J., Coastworth, D., Lengua, L. et al. (2000). An experimental evaluation of theory-based mother-child programs for children of divorce. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 68, 843-856.

Resumo (ou abstrato) a partir de um artigo

Quando a referência é um resumo da fonte original deve se colocar o resumo da palavra e depois o título:

Exemplo:

Woolf, N. J., Young, S. L., Fanselow, M. S., & Butcher, L. L. (1991). MAP-2 expression in cholinceptive pyramidal cells of rodent cortex and hippocampus is altered by Pavlovian conditioning [resumo]. *Society for Neuroscience Abstracts*, 17, 480.

Citando um recurso da Internet

Os recursos disponíveis na Internet pode ter uma tipologia variada: revistas, monografias, portais, bases de dados ... Portanto, é muito difícil dar uma diretriz geral para servir por qualquer tipo de recurso.

Pelo menos uma referência de Internet deve ter o seguinte:

- Título e autores do documento.
- A data em que o documento foi consultado.
- Endereço (URL "uniform resource locator")

Agora, através de vários exemplos, como especificamente citar alguns tipos recursos eletrônicos.

Monografia

A mesma forma de citação é usada para para monografias impressas. Mosto adicionar o URL e data em que o documento foi consultado.

Lau, J. (2004). *Directrices internacionales para la alfabetización informativa* [versão eletrônica]. México: Universidad Veracruzana. Página visitada em 21 de janeiro de 2009 de: <http://bivir.uacj.mx/dhi/DoctosNacioInter/Docs/Directrices.pdf>

Portais:

UNESCO.org. Página visitada em 21 de janeiro de 2010 de: http://portal.unesco.org/es/ev.php-URL_ID=29011&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html

Jornal artigos:

A mesma forma de citação é usado como para artigos de revistas impressas. Você deve adicionar o URL e data em que o documento foi consultado.

Exemplo:

Sabaté Bel, F. (2005). La isla-continente que quisieron convertir en continenteisla. *Rincones*

Del Atlántico, 2. Página visitada em 28 de junho de 2011 de: <http://www.rinconesdelatlantico.com/num2/isla-continente.html>

Añel Cabanelas, E. (2009). Formación on-line en la universidad. *Pixel-Bit: Revista de Medios y Educación*, 33, 155-163. Página visitada em 19 de janeiro de 2010 de: <http://www.sav.us.es/pixelbit/pixelbit/articulos/n33/11.pdf>

Artigos de periódicos eletrônicos que estão em um banco de dados:

Ele usa a mesma forma de citação para artigos de periódicos impressos, mas deve ser adicionado o nome do banco de dados, a data foi consultado pelo documento.

Exemplo:

Sánchez-Valle, I. (1997). Metodología de la investigación educativa de la profesión docente: (referencia a la Educación Secundaria). *Revista Complutense de Educación*, 7(2), 107-136. Página visitada em 20 de janeiro de 2009 de: DIALNET, <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=150203&orden=1&info=link>

Nota-se que não existe um ponto final quando uma referência termina com um URL.

Como citar documentos inéditos (teses, dissertações ...)

Os documentos (como teses, dissertações ...) que não tenham sido publicados e que desconhecido publicação possível são citados de acordo com o seguinte esquema:

Nome (s) nome. (Ano). Título da obra em itálico. (Classe do documento inédito: Tese de doutorado não publicada, documento não publicado ...). Instituição acadêmica na qual apresenta. Localização.

Exemplos:

Ardevol González, J. F. (1990). *Flora y vegetación del municipio de Icod de los Vinos*. (Tese inédita). Departamento de Biología Vegetal. Universidad de La Laguna.

Almohalla Gallego, F. (1986). *El Señorío de Osuna en Archidona: 1831-1862*. (Licenciatura inédita). Universidad Nacional de Educación a Distancia. Ceuta.

Se o documento já foi publicado, foi citado como um estudo de caso na sequência da seguinte esquema:

Nome (s) Name. (Ano). Título da obra em itálico. (Tese de doutorado). Instituição acadêmica no que foi apresentado. Localização.

Citando informações da web social

Blog Mensagem

Sobrenome, iniciais do nome. (Ano, mês, dia). Título entrada post. [Publicar um blog].
Retirado de <http://xxxxxxx.com>

Youtube Vídeo

Sobrenome, iniciais do nome. (Ano, mês, dia). Título do vídeo. [File Video]. Retirado de <http://www.youtube.com/URLespecifica>

Tuit

Usuário. (Ano, mês, dia). O tweet completo [Tweet]. Retirado de <http://twitter.com/usuario>

Postado no Facebook

Nome de usuário. (Ano, mês, dia). O post completo. [Update Facebook]. Retirado de <http://facebook.com>

O email

Citado no texto, não está na lista de referência. Inicial e último nome do remetente (comunicação pessoal, mês, dia, ano)

Como ordenar as referências

Nas referências escritas pelas normas da APA, o texto deve ser organizado com respeito à primeira linha de cada consulta.

Exemplos:

De Landsheere, G. (1985). *Diccionario de la evaluación y de la investigación educativa*. Barcelona: Oikos-Tau.

Vaquero Rico, J. (2008). *Navegación costera: problemas resueltos*. (6ª ed.) Madrid: Pirámide.

As referências devem ser apresentadas em ordem alfabética pelo sobrenome do autor, ou primeiro autor no caso de serem muitos. Se um autor tem várias obras serão classificados em ordem de aparecimento.

Exemplos:

De Landsheere, G. (1982). *La investigación experimental en educación*. París:UNESCO.

De Landsheere, G. (1985). *Diccionario de la evaluación y de la investigación educativa*. Barcelona: Oikos-Tau.

De Landsheere, G. (1986). *La recherche en éducation dans le monde*. París: P.U.F.

Se o mesmo autor, possuir várias referências no mesmo ano deve especificar os anos seguido de uma letra minúscula e ordenou em ordem alfabética.

Exemplos:

Freire, P. (1978a). *Pedagogía del oprimido*. Madrid: Siglo XXI.

Freire, P. (1978b). *Pedagogía y acción liberadora*. Madrid: Zero.

Freire, P. (1978c). *Cartas a Guínea-Bissau: Apuntes para una experiencia pedagógica en proceso*. Madrid: Siglo XXI.

Se são obras de um autor em colaboração com outros autores, a ordem será indicada pelo sobrenome do segundo autor, independentemente do ano de publicação.

Publicações individuais são colocadas antes das obras colaborativas.

Exemplos:

Stake, R. E. (1975a). *Evaluating the arts in education: a responsive approach*. Ohio: Merrill.

Stake, R. E. (1975b). Program Evaluation: particularly responsive evaluation. *Occasional Papers*, n. 5. Kalamazoo: University of Western Michigan.

Stake, R. E. (1978). The case study method in social inquiry. *Educational Researcher*, 7, 5-8.

Stake, R. E., & Easley, J. A.(comp.) (1978). *Case studies in science educations*, vol. 1,2. Illinois: CIRCE, University of Illinois.

Stake, R. E., & Gjerde, C. (1971). An evaluation of TCITY: The Twin City Institute for Talented Youth. *Occasional Papers*, n. 1. Kalamazoo: University of Western Michigan.